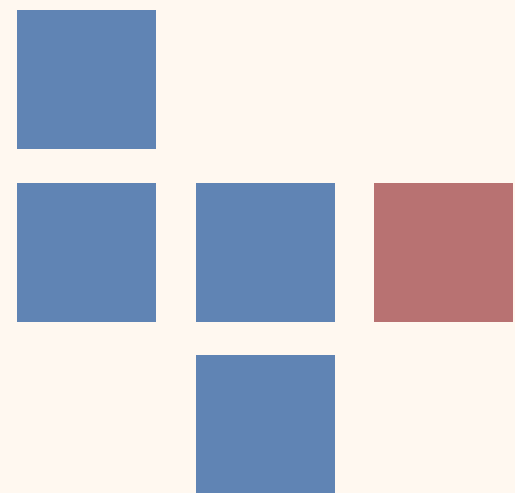




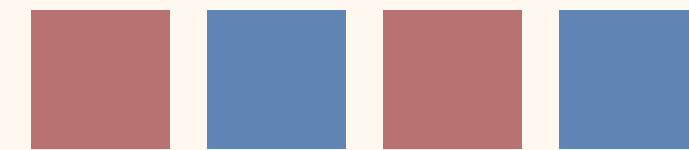
# DESENVOLVER COMPETÊNCIAS COMPLEXAS DE LEITURA

setembro a dezembro de 2026

Regina Duarte, Carla Marques, Noémia Jorge



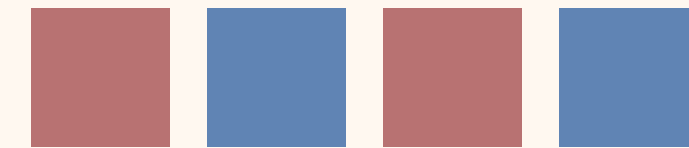
# Plano da sessão – Tópicos



- Que pré-leitura? (tarefa facultativa) – troca de impressões
- Níveis de compreensão leitora e graus de dificuldade (trabalho de grupo)
- Leitura estratégica – casos práticos



# Fórum: *Que pré-leitura?*



## A águia e a tartaruga

Num dia muito quente, estava uma tartaruga a apanhar sol numa praia cheia de aves marinhas. Via-as voar e esvoaçar, mergulhar na água, caminhar com as suas finas patas pela areia e nas rochas, e queixava-se dizendo:

– Que triste destino o meu! Como eu gostava de saber voar, mas nunca ninguém me ensinou!

Uma águia ouviu-a e propôs-lhe:

– Tartaruga, que me dás se eu te levar ao mais alto do céu?

– Dar-te-ei todas as riquezas do Mar Vermelho – respondeu a tartaruga.

– Está bem, então vou ensinar-te a voar! – respondeu a águia.

**A águia segurou a tartaruga pelas patas e levantou-a até às nuvens. Mas de repente soltou-a, quando passavam mesmo por cima de uma grande rocha.**

A pobre tartaruga com a pancada ficou com a carapaça feita aos bocados. Já moribunda, lamentava-se:

– Isto aconteceu-me por eu me queixar da minha sorte! Mas porque haveria de querer voar, se não tenho nada a ver com nuvens e ventos? Além disso, nem na terra consigo andar bem!

Para a tartaruga era impossível voar. Poderia ter sido feliz de muitas outras maneiras. Nem sempre podemos alcançar os nossos caprichos.

Araújo, J. (direção editorial) (2005). In *Fabuloso Esopo – Uma águia e...* Marina Editores.

**«Vocês não sabem como é  
que as águias caçam?»**

*Pergunta feita por estudante da Licenciatura  
em Educação Básica aos colegas,  
em aula de Processamento da Leitura e da Escrita*

## Objetivo de leitura

Pretende-se que os alunos sejam capazes de:

- identificar as personagens e caracterizar os seus desejos e comportamentos;
- compreender a sequência dos acontecimentos e estabelecer relações de causa e consequência;
- interpretar a moral da fábula, relacionando-a com o comportamento da tartaruga;
- refletir sobre a importância de reconhecer as próprias capacidades e limitações.

**Anabela Carvalho**

## Complexidade do texto

A complexidade reside na natureza alegórica e na duplicidade intencional das personagens. A tartaruga promete algo que não possui (como poderia dar à águia todas as riquezas do Mar Vermelho?), e a águia age como animal predador ardiloso. O leitor precisa de inferir a ironia da promessa e a transposição moral dos animais para o comportamento humano.

## Atividades de pré-leitura

- Tabela comparativa rápida no quadro: pedir aos alunos que indiquem duas características físicas e limitações da tartaruga terrestre e duas capacidades da águia.  
**Exemplo:** tartaruga (anda devagar, carapaça pesada, vida terrestre e vida aquática) e águia (voa alto, garras, predadora...).
- A seguir, lança-se a questão desestabilizadora: *O que poderá acontecer se uma tartaruga se quiser comportar como uma ave de rapina?*
- Ativar o conceito de género fábula: *textos curtos com animais em que existe sempre um conflito que encerra uma lição de vida.*

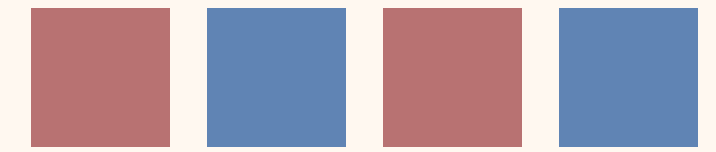
**Maria Helena Magalhães**

## Armadilhas a evitar na pré-leitura

Ensinar previamente todos os conceitos e vocábulos do texto.  
➔ Pode sobrecarregar os alunos com informação desnecessária e diminuir a autonomia da leitura.

**Cristina Dias**

# Fórum: *Que pré-leitura?*



Deslumbradas por tantas invenções, e todas tão maravilhosas, as gentes de Macondo nem sabiam por qual delas começar. Passaram noites em claro a contemplar as pálidas lâmpadas eléctricas, alimentadas pelo gerador que Aureliano Triste trouxera da sua segunda viagem de comboio, e a cujo obsessivo tum-tum só com o tempo e a muito custo se conseguiram habituar. Indignaram-se com as imagens vivas, que o próspero comerciante Dom Bruno Crespi projectava no teatro com bilheteiras em forma de bocarras de leão, ao verem que uma personagem morta e enterrada num filme, e por cuja desgraça tinham derramado lágrimas amargas, reaparecia viva e transformada em árabe no filme seguinte. O público, que pagara dois centavos para partilhar as desventuras dos actores, não tolerou tão inqualificável fraude e partiu as cadeiras. O alcaide, a pedido de Dom Bruno Crespi, viu-se forçado a fazer uma proclamação oficial para explicar que o cinema era apenas uma máquina de ilusões e, como tal, não merecia os excessos emocionais do público. Ao ouvirem tão desoladora explicação, muitos sentiram que estavam a ser vítimas de um novo e espectacular negócio de ciganos, pelo que decidiram não voltar a pôr os pés no cinema, considerando que os seus próprios problemas já lhes chegavam, para ainda terem de chorar as falsas desgraças de seres imaginários.

Texto extraído de PISA 2009 – Itens Libertos

[https://iave.pt/wp-content/uploads/2020/04/Itens\\_Libertos\\_LEITURA\\_2009\\_SITE\\_ProjAVI.pdf](https://iave.pt/wp-content/uploads/2020/04/Itens_Libertos_LEITURA_2009_SITE_ProjAVI.pdf)

## Complexidade do texto

Talvez o mais difícil seja mesmo perceber o tom irónico do narrador ao longo do excerto, quando representa a credulidade das personagens e o facto de não distinguirem realidade de ficção.

### Pré-leitura

Parece-me justificável que a atividade de pré-leitura se concentre quer na antecipação de informação que permita compreender a reação dos habitantes perante o progresso que a luz elétrica e o cinema representam, quer na formulação de previsões sobre essa mesma reação, passando, assim, a leitura a ter como propósito a sua respetiva confirmação.



*A chegada do comboio amarelo a Macondo, Luisa Rivera*

Isabel Daniel

## Objetivo de leitura

Um objetivo de leitura poderia ser o de analisar o comportamento das gentes do Macondo, procurando compreender por que razão o 'deslumbramento' que sentiam com algumas das invenções «maravilhosas» acaba por se transformar numa 'indignação'.

### «Armadilhas» a evitar na pré-leitura

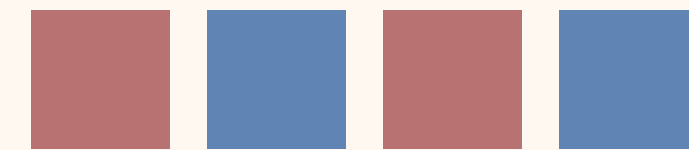
- Visionar um filme completo seria uma atividade de 'literacia fílmica' exaustiva (só a cena de abertura de um filme como *Hugo* poderia constituir uma situação de aprendizagem que facilmente ocuparia uma aula inteira, e apenas em termos dessa literacia, quer dizer, sem termos em conta a forte relação intermediática que há entre o livro e o filme)
- A análise de um excerto, tal como de um *trailer*, poderia afastar-se do objetivo de leitura
- A exploração de imagens da época, ou a análise da capa do livro, ou a leitura de textos informativos (sobre cinema ou sobre esse romance), seriam também armadilhas, por não permitirem facilmente analisar essa natureza ficcional, serem demoradas, ou demasiado gerais, ou mais orientadas para um certo produto fílmico (ou literário) e não tanto para o processo que constrói essa ficcionalidade

### Atividades de pré-leitura

- i. Mostrar três imagens de um ator (atriz), na vida real e em dois filmes diferentes, e discutir, a partir desses exemplos, a diferença entre pessoa, personagem e história (ou estória).
- ii. Apresentar um breve excerto de um filme em que um ator (atriz) morre e 'ressurge' vivo num filme posterior. Discutir, em pequeno grupo, por que razão alguém poderia considerar isso uma fraude. Comparar as respostas em grande grupo e tomar nota dos argumentos e das conclusões.
- iii. Relembrar Fernão Lopes, que defendia que aquilo que as pessoas fazem ultrapassa muito o que imaginamos que elas podem fazer. Partir daí para o conceito de verosimilhança (sem o designar por esse nome): registar situações que os alunos conhecem da vida real (ou ouviram falar) e que não seria aceitável, ou seria dificilmente aceitável, numa história inventada.

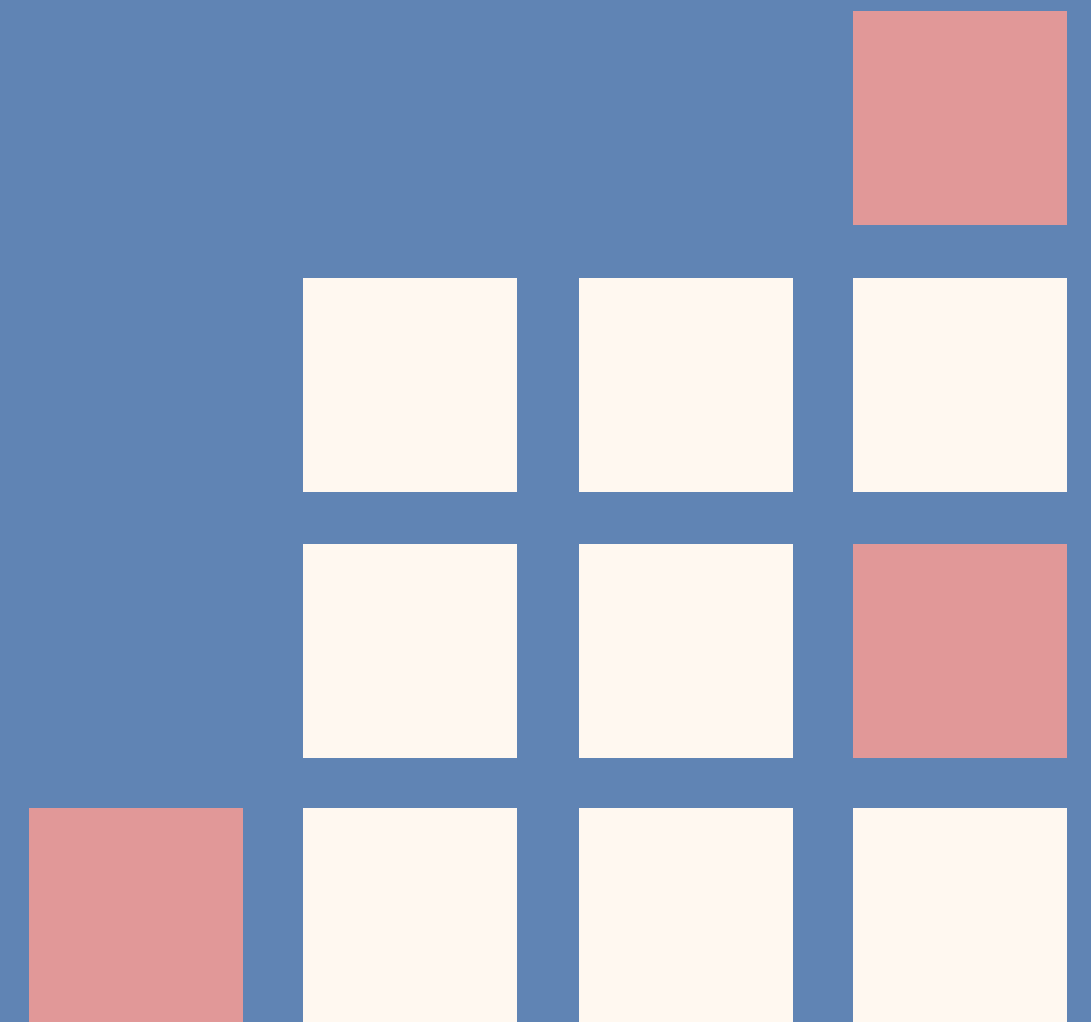
João Pedro Aido

# Pré-leitura: princípios a ter em conta

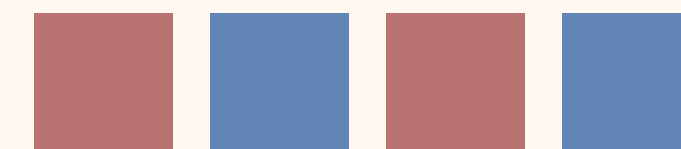


- 1 Ser curta
- 2 Ser concebida em função de um objetivo de leitura e de uma dificuldade potencial do texto
- 3 Não ser demasiado geral
- 4 Não ser demasiado específica, focada em informação secundária
- 5 Incidir sobre um único aspeto (mantendo o foco, evitando a dispersão)
- 6 Não substituir a leitura propriamente dita
- 7 Não transformar a pré-leitura numa atividade exaustiva sobre temas ou tópicos desenvolvidos/referidos/aflorados/associados ao texto a ler. / Não sobrecarregar os alunos com informação desnecessária
- 8 Não induzir interpretações erradas
- 9 Não exigir a mobilização de conhecimentos que os alunos não possuem.

# Atividade prática



# Grupos de trabalho



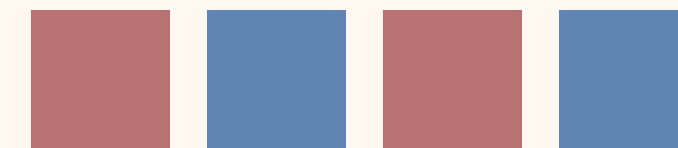
Individualmente, analisar o item de compreensão da leitura de uma prova de avaliação externa de Português atribuído (Textos 1 a 8), tendo em conta os seguintes tópicos:

- nível de compreensão leitora;
- processos cognitivos mobilizados;
- grau de dificuldade envolvido pelos processos cognitivos mobilizados.

O trabalho não será submetido no Moodle, mas será mobilizado no início a Sessão síncrona 4 (em trabalho de grupo).

|         |                                                    |         |
|---------|----------------------------------------------------|---------|
| Grupo 1 | Anabela Gomes Santos Carvalho                      | Texto 1 |
|         | Patrícia Filipa Gaspar da Silva                    |         |
|         | Paula Cristina Ferreira                            |         |
|         | Paula Maria Lopes Morgado                          |         |
|         | Sandra Sofia da Encarnação Malveiro Soares Ribeiro |         |
| Grupo 2 | Camila Sandra Gonçalves dos Santos                 | Texto 4 |
|         | Cármén Alexandra Moreira Godinho                   |         |
|         | Isabel Maria Gomes Carrilho da Silva               |         |
|         | Maria de Fátima da Costa Mendonça                  |         |
|         | Vera Sílvia da Costa Vitorino Mariano              |         |
|         | Maria de Jesus Dias Gaspar                         | Texto 6 |
|         | Maria João Conceição Colaço                        |         |
|         | Sandra Maria de Brito Barbosa                      |         |
|         | Sara Gracinda Maia de Carvalho                     |         |
|         | Ana Sofia Marques Martins José Ferreira            | Texto 7 |
|         | Cristina de Jesus Espiguinha Dias                  |         |
|         | Dora Isabel Lúcio Morgado                          |         |
|         | Graciete Pereira Alves                             |         |
|         | Isabel Cristina Silva dos Santos Araújo            |         |
|         | Isabel Susana Vieira Daniel                        |         |
| Grupo 5 | Maria do Céu Almeida Gonçalves                     | Texto 8 |
|         | Maria Helena Machado de Sousa Magalhães            |         |
|         | Nuno Filipe de Araújo Machado dos Santos           |         |
|         | Paula Cristina Vieira de Sousa Marçal              |         |
|         | Raquel Veiga                                       |         |
|         | Rute da Silva Miranda                              |         |
|         | Maria Madalena Domingues Barreiro                  |         |
|         | João Pedro Aido                                    |         |

# Grupo 1 – Texto 1



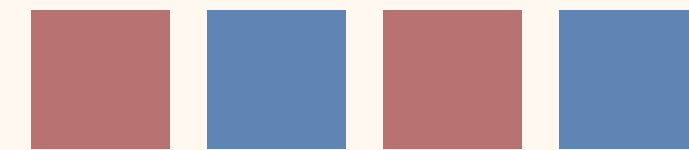
Há muito, muito tempo havia num templo de uma das províncias orientais uma velha chaleira. Um dia, quando o sacerdote do templo ia suspendê-la sobre o fogo, a fim de ferver água para o seu chá, a chaleira adquiriu, com grande espanto seu, a cabeça e a cauda de um texugo. Que estranha chaleira, toda coberta de pelo! Estupefacto, o sacerdote chamou os noviços<sup>1</sup> do templo, para que vissem a maravilha, e enquanto todos olhavam estupidamente, embasbacados, e sugeriam uma coisa e outra, a chaleira saltou para o ar e começou a voar pelo aposento. Mais espantados ainda, o sacerdote e os seus pupilos<sup>2</sup> tentaram persegui-la, mas jamais houve ladrão ou gato tão lesto<sup>3</sup> e esperto como aquela maravilhosa chaleira-texugo.

Por fim, conseguiram apanhá-la e, unindo todos os esforços, meteram-na numa caixa, com a intenção de a levarem e abandonarem em qualquer ermo<sup>4</sup> distante, para que não os voltasse a atormentar.

Mas quis o acaso que o funileiro<sup>5</sup> que consertava as coisas do templo passasse naquele instante. O sacerdote achou que seria pena deitar fora a chaleira e que melhor seria tentar vendê-la e ganhar uns cobres. Tirou-a, pois, da caixa (perdera a cauda e a cabeça de texugo e readquirira a forma normal) e mostrou-a ao homem. Ao vê-la, o funileiro ofereceu vinte moedas de cobre por ela, e o sacerdote sentiu-se feliz por fechar o negócio e ver-se livre do incômodo utensílio.

Pearl S. Buck, *Histórias Maravilhosas do Oriente*, Fernanda Pinto Rodrigues (trad.), Lisboa, Livros do Brasil, 2006, pp. 87-88.

**10.** Explica por que razão a referência a um “ladrão ou gato” (linha 8) contribui para caracterizar a chaleira como um objeto extraordinário.



O som do trovão que nos chega aos ouvidos não é aquele que receberíamos se fosse possível estarmos junto da zona onde salta o relâmpago. Se aí estivéssemos, veríamos a intensa luz da descarga e, *simultaneamente*, ouviríamos o respetivo estrondo que estalaria e logo cessaria. Como, porém, estamos longe, as coisas passam-se de modo diverso. Nem ouvimos o trovão *simultaneamente* com a visão do relâmpago, nem ouvimos um som que estala e cessa. O que chega aos nossos ouvidos é um ruído muito prolongado, que se inicia por um estrondo apavorante que pouco a pouco abranda de intensidade, dando a impressão de rolar no interior de imensa caverna.

Entre a visão do relâmpago e o primeiro sinal do respetivo trovão decorre algum tempo, mas, como dissemos, no local da descarga os dois acontecimentos, relâmpago e trovão, são simultâneos. É o mesmo que se observa quando vemos estalar um foguete no ar. O foguete sobe, vamo-lo seguindo com os olhos e, num dado instante, percebemos a luz viva que resultou da combustão do material que transportava com ele para esse efeito. Pouco depois de vermos a luz, ouvimos o estralejar do foguete. Por que será esta diferença de tempo entre a luz e o som que nos chegam de longe, provenientes do mesmo acontecimento?

A diferença resulta de serem diferentes as velocidades com que a luz e o som se propagam no ar. Sucede o mesmo que sucederia se um potente carro de corridas e um triciclo partissem do mesmo lugar, no mesmo instante, para percorrerem uns tantos quilómetros. O carro chegaria sempre à meta com enormíssimo avanço sobre o triciclo.

Rómulo de Carvalho, «O Trovão», in *A Eletricidade Estática, Cadernos de Iniciação Científica*, n.º 12, Lisboa, Sá da Costa, 1982. (Texto com supressões)

**7. Explica por que razão a referência a um foguete, no segundo parágrafo, é adequada para exemplificar o fenómeno natural em questão.**

# Grupo 3 – Texto 6



Quem começou a falar foi um fidalgo chamado Egípcio. Era um homem vergado pela idade, mas de uma sabedoria imensa. O seu filho partira com Ulisses nas naus para Troia. Chamava-se Ântifo; era excelente lanceiro. Mas o pai não sabia que ele tinha sido comido pelo cruel Ciclope na sua gruta escavada: fora comido pelo gigante monstruoso, cujo único olho Ulisses cegara (como se verá mais adiante neste livro). Egípcio tinha mais três filhos: um era de mau carácter e dava-se com os pretendentes; os outros dois dedicavam-se à lavoura da terra paterna. Mas era do filho que partira com Ulisses que o velho se lembrava. Estava triste e preocupado e, com lágrimas nos olhos, assim se dirigiu à assembleia:

— Ouçam agora, homens de Ítaca, o que tenho para dizer! Nunca houve entre nós uma assembleia desde que o rei Ulisses partiu para Troia. Quem nos convoca agora? Quem sentiu tal necessidade? Será que ouviu a notícia de que vem aí um exército para nos atacar? Ou será outro o assunto público sobre o qual quer discursar? Só pelo facto de ter convocado esta assembleia parece-me pessoa idónea, abençoada; e que Zeus o cubra de benesses, seja qual for o seu intuito.

Assim falou; e Telémaco alegrou-se com o que foi dito. Não permaneceu sentado, pois fazia tenção de falar. Pôs-se de pé no meio da assembleia. Um dos arautos colocou-lhe na mão um cetro, como sinal de que Telémaco estava, a partir de agora, no uso da palavra. E Telémaco falou, dirigindo-se em primeiro lugar ao orador idoso. Toda a noite tinha preparado o discurso na sua cabeça; o seu único receio era de não conseguir controlar a emoção. Acontecesse o que acontecesse, tinha de fazer boa figura.

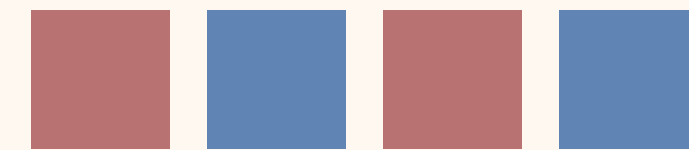
— Ancião! — começou Telémaco — não está longe, como saberás em breve, quem convocou o povo. Fui eu próprio. Não ouvi notícia alguma de que vem aí um exército, nem há outro assunto público sobre o qual eu deseje discursar. A necessidade é minha, pois sobre a minha casa se abateu uma dupla desgraça: ao que parece, perdi o nobre pai, que entre vós reinou. Mas a outra desgraça é pior, pois em breve toda a minha casa destruirá e tirar-me-á a mim os meios de subsistência. Todos vocês sabem que pretendentes importunam a minha mãe à sua revelia, filhos dos homens que aqui têm mais nobreza. Porquê? Porque receiam dirigir-se a casa do pai dela, o meu avô Icário, com medo de que este exija os devidos presentes nupciais, para dar depois a filha a quem ele entender. Em vez disso, entram e saem de nossa casa dia após dia e matam-nos os bois, as ovelhas e as cabras; banqueteam-se e bebem-nos o vinho sem moderação. Vai-se tudo; e não há um homem que consiga afastar da casa a ruína. Por mim esforçar-me-ia, se tivesse força para isso, pois foram cometidos atos que ninguém pode aguentar: além do aceitável foi a minha casa arruinada. Tenham vergonha e respeitem os outros! Peço-vos por Zeus!

Assim falou. E na sua fúria atirou com o cetro ao chão, sufocado de lágrimas. Todo o povo sentiu pena dele. Todos ficaram em silêncio. Ninguém teve coragem de responder a Telémaco com palavras agrestes.

Frederico Lourenço, *A Odisseia de Homero Adaptada para Jovens*, 7.ª ed., Lisboa, Livros Cotovia, 2012, pp. 28-29.

5. Associa cada personagem da coluna A a uma frase da coluna B, de acordo com o sentido do texto. Escreve, em cada quadrado da coluna A, a letra correspondente da coluna B.

| COLUNA A    | COLUNA B                                   |
|-------------|--------------------------------------------|
| 1. Egípcio  | A – Tivera um destino cruel.               |
| 2. Telémaco | B – Esclarece o motivo da assembleia.      |
| 3. Ulisses  | C – Dedicava-se à lavoura da terra.        |
|             | D – Partira nas naus para Troia.           |
|             | E – Desconhece o destino de um dos filhos. |



Com pouco dinheiro no bolsilho, umas só moedas de cobre que soavam bem menos que os ferros do alforge, desembarcado numa cidade que mal conhecia, tinha Baltasar de resolver que passos daria a seguir, se a Maфра onde não poderia a sua única mão pegar numa enxada que requer duas, se ao paço onde talvez lhe dessem uma esmola por conta do sangue perdido. Alguém lhe tinha dito isto em Évora, mas também lhe foram dizendo que era necessário pedir muito e por muito tempo, com muito empenho de padrinhos, e apesar disso muitas vezes se apagava a voz e acabava a vida antes que se visse a cor ao dinheiro. Na falta, aí estavam as irmandades para a esmola e as portarias dos conventos que proviam ao caldo e ao tassalho do pão. E um homem a quem falte a mão canhota não tem muito de que se queixar se ainda lhe ficou a destra para pedir a quem passa. Ou exigir com um ferro aguçado.

Sete-Sóis atravessou o mercado do peixe. As vendedeiras gritavam desbocadamente aos compradores, provocavam-nos, sacudiam os braços carregados de braceletes de ouro, batiam juras no peito onde se reuniam fios, cruces, berloques, cordões, tudo de bom ouro brasileiro, assim como os longos e pesados brincos ou argolas, arrecadas ricas que valiam a mulher. Mas, no meio da multidão suja, eram miraculosamente asseadas, como se as não tocassem sequer o cheiro do peixe que removiam às mãos cheias. À porta duma taberna que ficava ao lado da casa dos diamantes, Baltasar comprou três sardinhas assadas, que, sobre a indispensável fatia de pão, soprando e mordiscando, comeu enquanto caminhava em direção ao Terreiro do Paço.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Caminho, 1998, pp. 41-42.

1. Releia o primeiro parágrafo do excerto extraído de *Memorial do Convento*.

Explicite o dilema com o qual Baltasar se debate, tendo em conta tanto a sua condição física como a sua condição económica.

Est. 51

«Não foi do Rei Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na suma alteza,  
Que assi vai alternando o tempo iroso  
O bem co mal, o gosto co a tristeza.  
Quem viu sempre um estado deleitoso?  
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?  
Pois inda neste Reino e neste Rei  
Não usou ela tanto desta lei?

Est. 52

«Viu ser cativo o santo irmão Fernando  
(Que a tão altas empresas aspirava),  
Que, por salvar o povo miserando  
Cercado, ao Sarraceno se entregava.  
Só por amor da pátria está passando  
A vida, de senhora feita escrava,  
Por não se dar por ele a forte Ceita.  
Mais o público bem que o seu respeita.

Est. 53

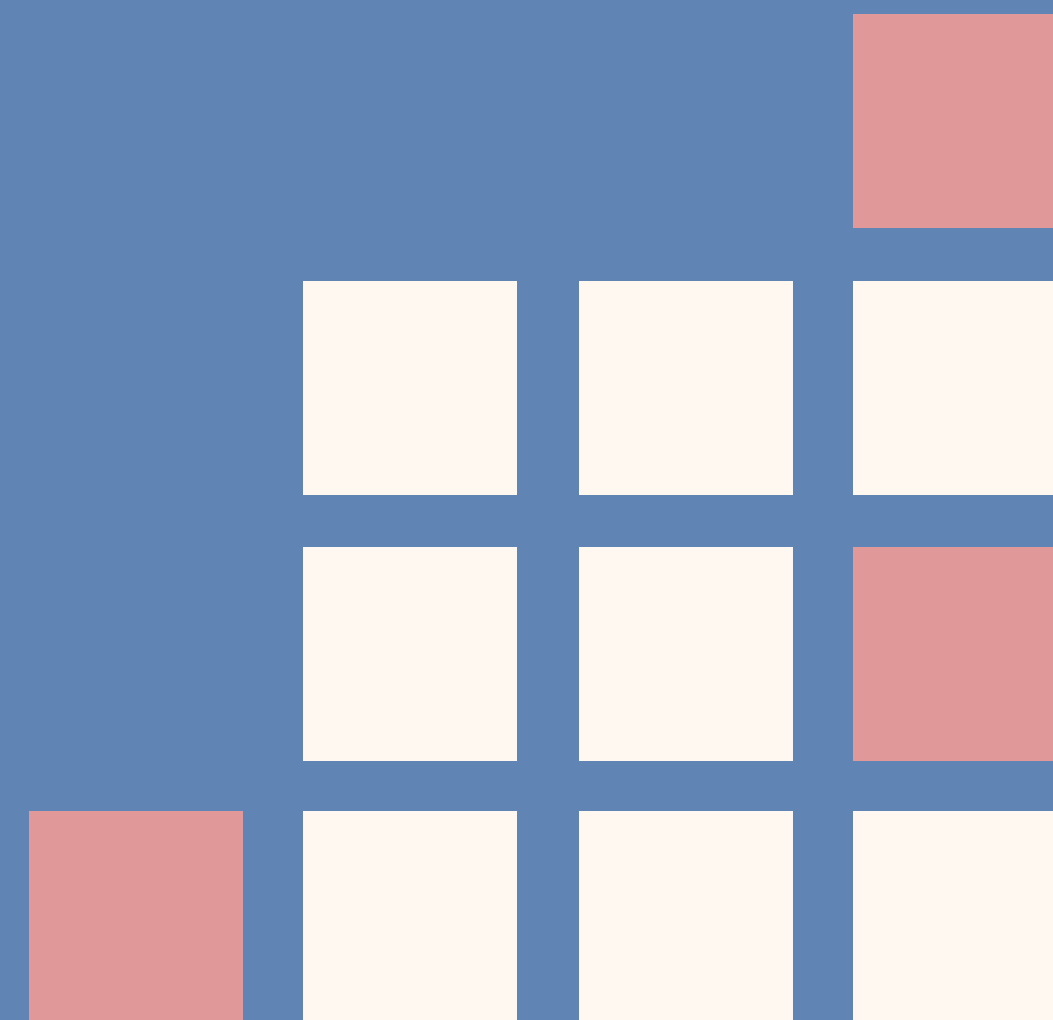
«Codro, por que o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida;  
Régulo, por que a pátria não perdesse,  
Quis mais a liberdade ver perdida.  
Este, por que se Espanha não temesse,  
A cativoiro eterno se convida!  
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,  
Nem os Décios leais, fizeram tanto.

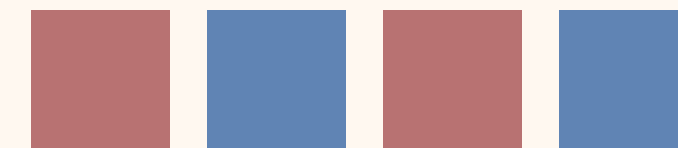
Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, pp. 107-108.

## Grupo 5 – Texto 8

1. Refira a opinião do narrador sobre o reinado de D. Duarte, tendo em conta duas ideias expressas na estância 51.

# Leitura estratégica: casos práticos





**BIZET** – Nascido em Paris, a 25 de outubro de 1838, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos quatro anos, executava os mais difíceis exercícios e, aos nove, era admitido no curso de piano do Conservatório de Paris. Decorridos seis meses, obtinha um primeiro prémio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. Em 1852, um primeiro prémio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, dois anos depois, recebia um prémio de órgão. Em junho de 1857, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prémio, e, a 28 de janeiro do ano seguinte, Bizet instalava-se na Cidade Eterna<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfónica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. Regressado de Roma, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a 3 de março de 1875, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a 3 de junho de 1875 (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em Bougival, onde contava passar o verão. Pouco tempo antes, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.



Fonte: [www.dreamstime.com](http://www.dreamstime.com)

AANV, *Dicionário Biográfico de Autores*, Vol. 1, s.l., Artis-Bompiani, s.d., pp. 406-407. (Texto adaptado)

Que objetivos de leitura?

Que dificuldades?

Que estratégias  
de pré-leitura e leitura?

XXXXX – XXXXXXXX XX XXXXX, X 25 XX XXXXXXXX XX 1838, XXXXXXXX XXX X XXX, XXXXXXXXXX XX XXXXX, XX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XX XXXX XXXXXXXX. XXX XXXXXXX XXXX, XXXXXXXXXX XX XXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX X, XXX XXXX, XXX XXXXXXXXXX XX XXXXX XX XXXXX XX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XX XXXXX. XXXXXXXXXX XXXX XXXXXXX, XXXXXXXXXX XX XXXXXXXXXX XXXXXXX XX XXXXXXX. XXXXXXXXXX XXXX XXXXXXX XXXXXXX XXXXXXXXXX, XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX. XX 1852, XX XXXXXXXXXX XXXXXXX XX XXXXX XXXX XXXXXXXXXX XX XXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX X XXXXXXX; X, XXXX XXXX XXXXX, XXXXXXX XX XXXXXXX XX XXXXX. XX XXXXX XX 1857, X XXXXXXXXXX XX XXXXX XXXXXXXXXX-XXX XX XXXXXXXXXX XXXXXXX, X, X 28 XX XXXXXXX XX XXX XXXXXXXXXX, XXXXX XXXXXXXXXX-XX XX XXXXX XXXXXXX, XXX X XXXXXXXXXX XXXXXXX XX XXXXXXXXXX XX XXXXXXXXXX, XX XXX XXXX X XXX XXXXXXX XXXX X XXX XXXXXXX. XXXXX XXXXXXX-XX XXXXX XX XXXXXXXXXX XX XXX XXXXXXXXXX XXXXX XX XXXX, XX XXX XXXXXXXXXX X XXX XXXXXXXXXX XXX XXXX X XXX XXXXXXX. XXXXXXXXXX XX XXXX, XXXXXXX-XX X XXXXXXXXXX X XXX XXXXXXX XX XXXXXXXXXX XXXXXXX, XXXXXXXXXX XXXX XXXXX XXXXXXX XXXXX XXXXXXXXXX, XXXXXXXXXX X XXXXXXX. XXXXXXXXXX XX XXXXXXX X XXX XXXXX XXXXXXX, X 3 XX XXXXX XX 1875, X XXXXXXX-XX XXXXX XXXXXXXXXX XX XXXXXXXXXX X XXX XXXXXXXXXX XXX XXXXXXXXXX X XXXXX XXXXX XXXX. XXXXXXX, X XXXXXXX XX XXXXXXX XXXXXXXXXX, XXXXX XXXX XXXXXXXXXX X XXXXXXX XXXXXXX XX XXX XXXX-XXXXX. XXXXXXXXXX XXXXXXX, XXXXX, XXXXX XXXXXXXXXX X XXXXXXXXXX XXXXXXX, XXXX X XXXXXXXXXX XXXXX XXXXXXX, X 3 X XXXXX XX 1875 (XXXX XX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XX XXXXX), XX XXXXXXXXXX, XXXX XXXXXXXXXX XXXXXXX X XXXXX. XXXXX XXXXX XXXXX, XXXXX XXXXXXXXXX X XXXXX XXXXX XXX XXXX XXXXXXXXXX, XXX XXXXXXXXXX XXXXXXX X XX XXXXXXX.



Fonte: www.dreamstime.com

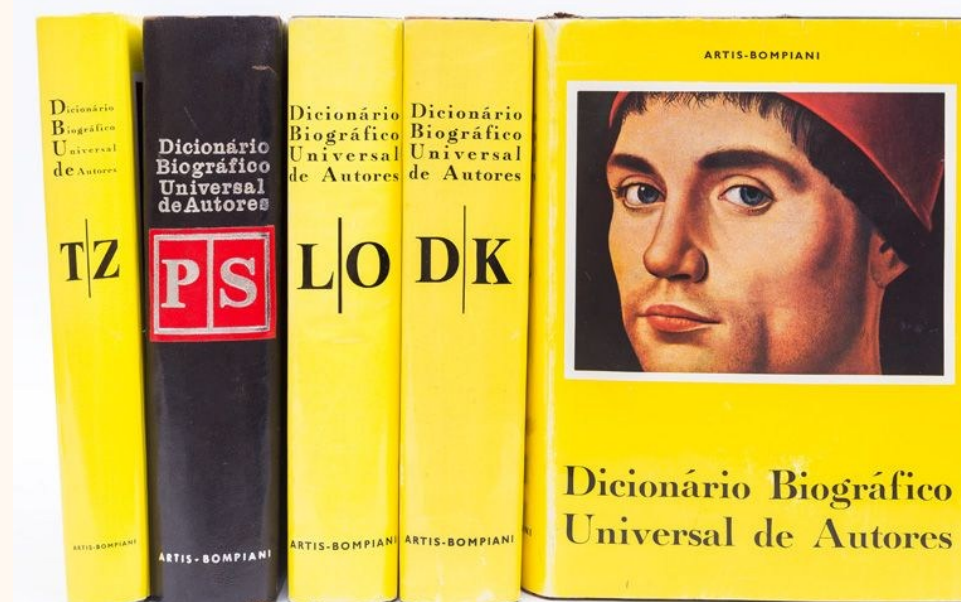
## Pré-leitura

Descoberta do **gênero de texto**, a partir:

- da **mancha gráfica** (1.º momento)
- do **paratexto** (2.º momento)

Explicitação da **tarefa** e da **metalinguagem** como forma de ensinar (e aprender) estratégias de automonitorização da pré-leitura

AAVV, *Dicionário Biográfico de Autores*, Vol. 1, s.l., Artis-Bompiani, s.d., pp. 406-407.  
(Texto adaptado)





XXXXX – XXXXXXX xx XXXX, x 25 xx xxxxxxx xx 1838, xxxxxxxx xxx x xxx, xxxxxxxxxx xx xxxxx, xx xxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxx xx xxxx xxxxxxx. Xxx xxxxxx xxxx, xxxxxxxxxx xx xxxx xxxxxxxx xxxxxxxxxxxx x, xxx xxxx, xxx xxxxxxxx xx xxxxx xx xxxxx xx XXXXXXXXXXXXXXXX xx XXXX. XXXXXXXXXXX xxx xxxxx, xxxxxxxx xx xxxxxxxx xxxxxx xx xxxxxxx. XXXXXXXXXXXXXXX xxx xxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxx, xxxxxxx xxxxxxxxxxx. Xx 1852, xx xxxxxxxx xxxxxx xx xxxxx xxxx xxxxxxxxxxxxxxx xx xxxx xxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxx x xxxxxxx; x, xxxx xxxx xxxxx, xxxxxxx xx xxxxxx xx xxxxx. Xx xxxxx xx 1857, x XXXXXXXX xx XXXXX xxxxxxxxxxx-xxx xx xxxxxxxxxxx xxxxxx, x, x 28 xx xxxxxxx xx xxx xxxxxxxxxx, XXXXX xxxxxxxxxxx-xx xx XXXXXX XXXXXX, xxx x xxxxxxx xxxxxx xx xx xxxxxxxx xx xxxxxxx xxxxxx, xx xxx xxxx x xxx xxxxxx xxxx x xxx xxxxxxx. XXXXX xxxxxx-xx xxxxx xx xxxxxxxxxxxx xx Xxx XXXXXXXXXXX XXXXX xx XXXX, xx xxx xxxxxxxxxxx x xxx xxxxxxxxxxx xxx XXXX x xxx XXXXXXXX. XXXXXXXXXXX xx XXX, xxxxxxx-xx x xxxxxxxxxxxx x xxx xxxxxxx xx xxxxxxxxxxx xxxxxx, xxxxxxxxxxx xxx xxxxx xxxxxxx xxxxx xxxxxxxxxxx, xxxxxxxxxxx x xxxxxx. XXXXXXXXXXX xx xxxxxxx x xxx xxxxx XXXXXX, x 3 xx xxxxx xx 1875, x xxxxxxx-xx xxxxx xxxxxxxxxxx xx xxxxxxxx x xxx xxxxxxxxxxx xxx xxxxxxxxxxx x xxxxx xxxxx xxxx. XXXXXX, x xxxxxx xx xxxxxx xxxxxxxxxxxxxxx, XXXXX xxxx xxxxxxx x xxxxxx xxxxxxx xx xxx xxxx-xxxxx. XXXXXXXXXXXXXXX xxxxxxx, xxxxx, xxxxx xxxxxxxxxxx x xxxxxxx xxxxxxx, xxxxx x xxxxxxx xxxxx xxxxxx, x 3 x xxxxx xx 1875 (xxxx xx xxxxxxxxxxx xxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxx xx XXXXXX), xx XXXXXXX, xxx xxxxxxx xxxxxx x xxxxx. XXXXX xxxxx xxxxx, xxxxx xxxxxxxxxxx x xxxxx xxxxx xxx xxx xxxxxxxxxxxxxxx, xxx xxxxxxxxxxx xxxxxxx x xx xxxxxx.



Fonte: [www.dreamstime.com](http://www.dreamstime.com)

BIZET – Nascido em Paris, a 25 de outubro de 1838, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos quatro anos, executava os mais difíceis exercícios e, aos nove, era admitido no curso de piano do Conservatório de Paris. Decorridos seis meses, obtinha um primeiro prêmio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. Em 1852, um primeiro prêmio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, dois anos depois, recebia um prêmio de órgão. Em junho de 1857, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prêmio, e, a 28 de janeiro do ano seguinte, Bizet instalava-se na Cidade Eterna<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfônica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. Regressado de Roma, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a 3 de março de 1875, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a 3 de junho de 1875 (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em Bougival, onde contava passar o verão. Pouco tempo antes, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.



Fonte: [www.dreamstime.com](http://www.dreamstime.com)



## Eventuais dificuldades

1

**Género de texto:**  
**biografia / verbete de enciclopédia**  
**(verbeta biográfico, nota biográfica)**

- Contexto de produção (*quem produz? Para quem? Com que intenção? Em que formato e modalidade?*)
- Estrutura e conteúdo temático: organização cronológica de dados biográficos
- Marcas linguísticas: localizadores temporais e espaciais; verbos no pretérito perfeito simples ou no presente; 3.<sup>a</sup> pessoa do singular; vocabulário técnico

2

**Conhecimentos**  
**prévios sobre o**  
**conteúdo temático**

- Música clássica
- Compositores clássicos (Bizet, Bach, Beethoven)
- Vocabulário técnico: *arte musical, executar/ execuções, solfejo, órgão(?), ode, ode sinfónica, técnica de composição lírica, ópera(?), obra-prima(?)*

3

**Tarefa a realizar:**  
**comparação de textos**

Esclarecer a finalidade da leitura (ex.: ler para obter informação rápida, ler para estudar, ler para lazer), o que condiciona a velocidade e o grau de profundidade do processamento.



**BIZET** – Nascido em Paris, a 25 de outubro de 1838, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos quatro anos, executava os mais difíceis exercícios e, aos nove, era admitido no curso de piano do Conservatório de Paris. Decorridos seis meses, obtinha um primeiro prémio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. Em 1852, um primeiro prémio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, dois anos depois, recebia um prémio de órgão. Em junho de 1857, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prémio, e, a 28 de janeiro do ano seguinte, Bizet instalava-se na Cidade Eterna<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfónica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. Regressado de Roma, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a 3 de março de 1875, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a 3 de junho de 1875 (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em Bougival, onde contava passar o verão. Pouco tempo antes, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.



Fonte: [www.dreamstime.com](http://www.dreamstime.com)

AAVV, *Dicionário Biográfico de Autores*, Vol. 1, s.l., Artis-Bompiani, s.d., pp. 406-407. (Texto adaptado)

## Objetivos de leitura

[Objetivo focado na apropriação do género de texto]

*Vou ler o texto para aprender a escrever um texto do mesmo género...*

[Objetivo focado no domínio do conteúdo temático do texto]

*Vou ler o texto sobre Bizet porque tenho de apresentar este compositor num sarau/numa audição...*

**BIZET** – Nascido em **Paris**, a **25 de outubro de 1838**, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos **quatro anos**, executava os mais difíceis exercícios e, aos **nove**, era admitido no curso de piano do **Conservatório de Paris**. **Decorridos seis meses**, obtinha um primeiro prêmio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. **Em 1852**, um primeiro prêmio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, **dois anos depois**, recebia um prêmio de órgão. Em **junho de 1857**, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prêmio, e, a **28 de janeiro do ano seguinte**, Bizet instalava-se na **Cidade Eterna**<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfônica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. **Regressado de Roma**, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a **3 de junho de 1875** (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em **Bougival**, onde contava passar o verão. **Pouco tempo antes**, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.



### Estratégias de leitura orientadas para a descoberta da organização cronológica da biografia

1. Sublinhado, no texto, de
  - acontecimentos
  - **locais**
  - **datas e outras expressões que localizam os acontecimentos no tempo**

Explicitação da tarefa e da metalinguagem como forma de ensinar (e aprender) estratégias de automonitorização da leitura

**BIZET** – Nascido em **Paris**, a **25 de outubro de 1838**, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos **quatro anos**, executava os mais difíceis exercícios e, aos **nove**, era admitido no curso de piano do **Conservatório de Paris**. **Decorridos seis meses**, obtinha um primeiro prêmio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. **Em 1852**, um primeiro prêmio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, **dois anos depois**, recebia um prêmio de órgão. Em **junho de 1857**, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prêmio, e, a **28 de janeiro do ano seguinte**, Bizet instalava-se na **Cidade Eterna**<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfônica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. **Regressado de Roma**, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a **3 de junho de 1875** (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em **Bougival**, onde contava passar o verão. **Pouco tempo antes**, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.

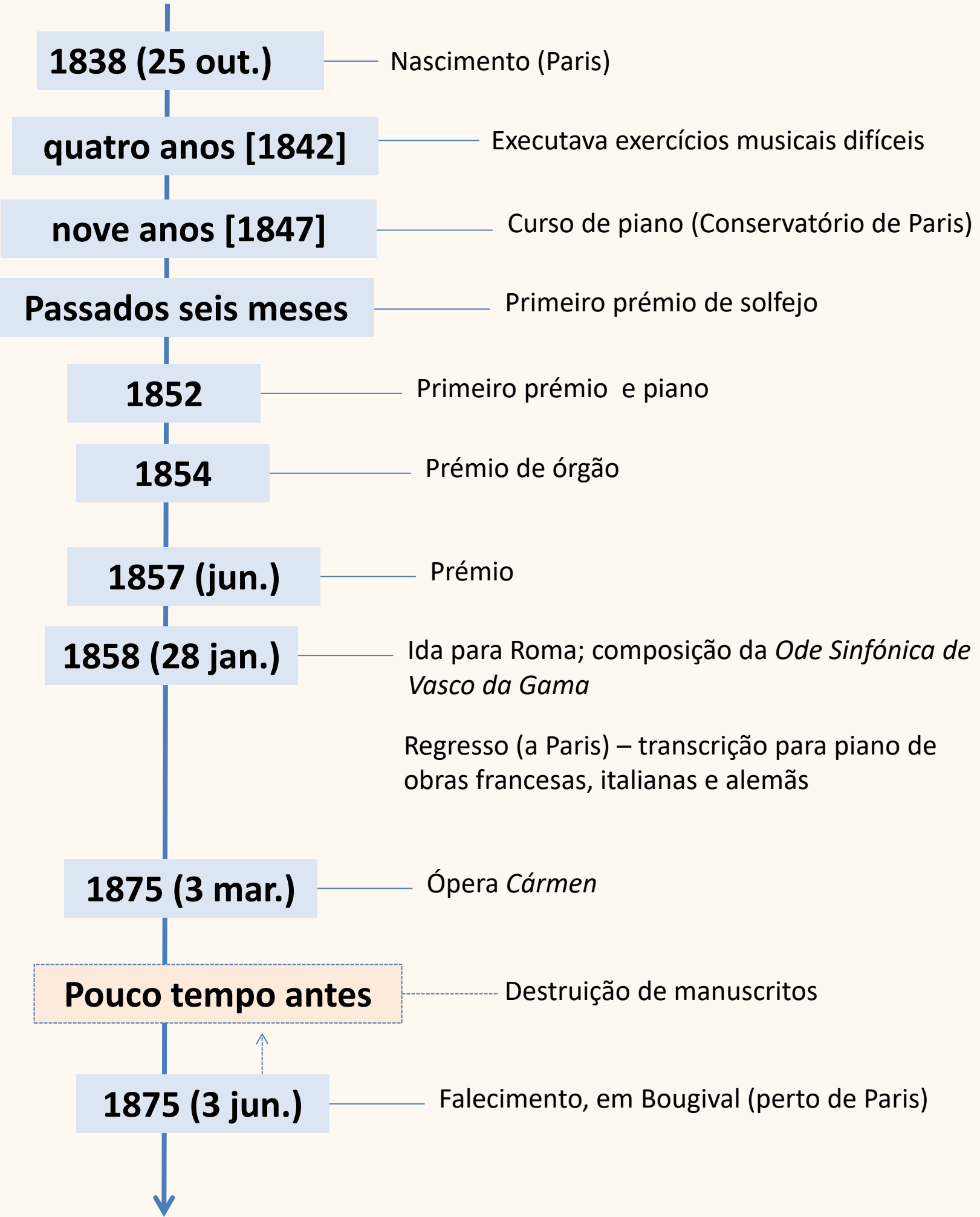


### Estratégias de leitura orientadas para a descoberta da organização cronológica da biografia

2. Esquematização da informação – criação de um **friso cronológico**, com datas/referências temporais, acontecimentos e locais

Explicitação da **tarefa** e da **metalinguagem** como forma de ensinar (e aprender) estratégias de automonitorização da leitura

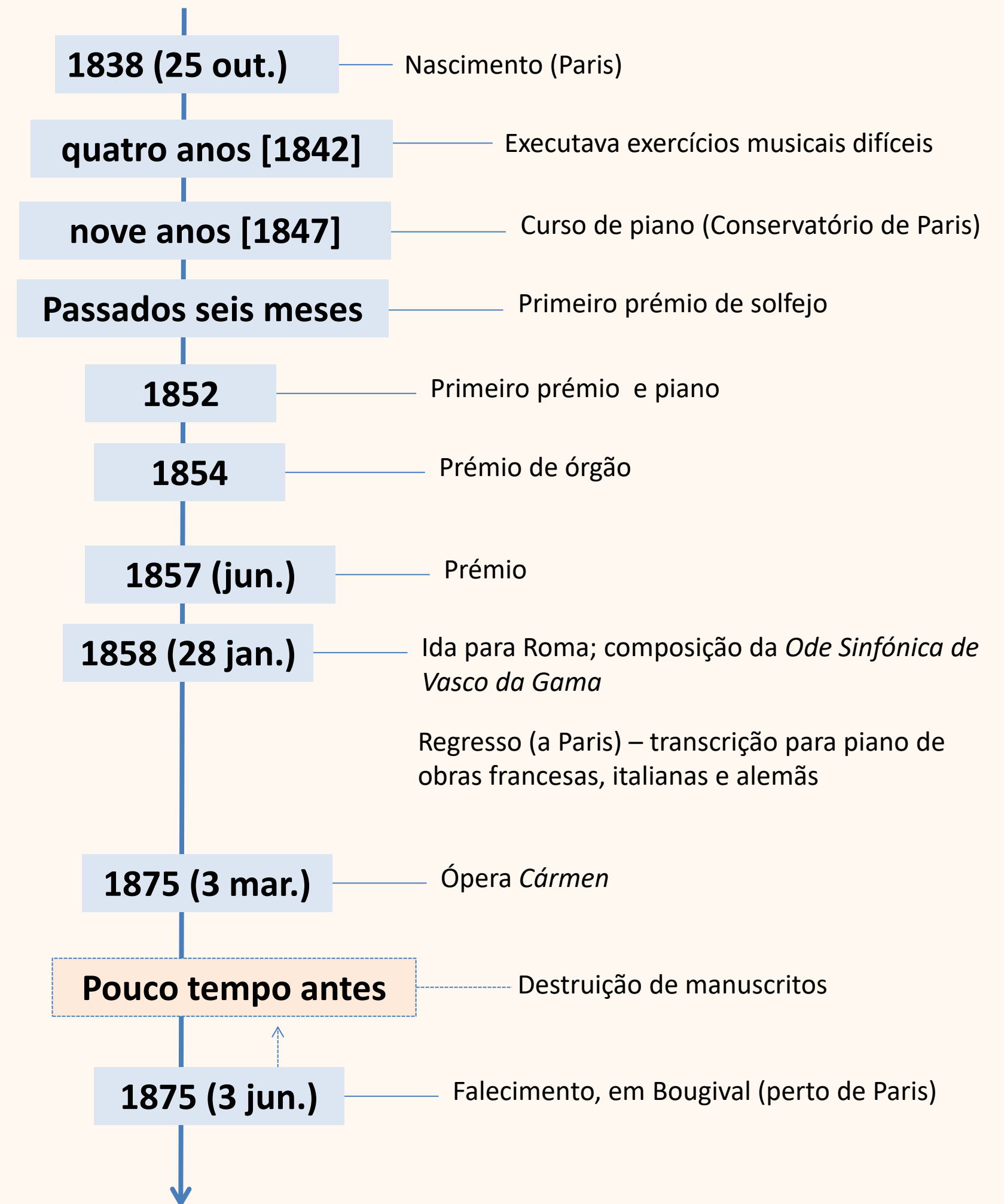
**BIZET** – Nascido em **Paris**, a **25 de outubro de 1838**, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos **quatro anos**, executava os mais difíceis exercícios e, aos **nove**, era admitido no curso de piano do **Conservatório de Paris**. **Decorridos seis meses**, obtinha um primeiro prêmio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. **Em 1852**, um primeiro prêmio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, **dois anos depois**, recebia um prêmio de órgão. Em **junho de 1857**, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prêmio, e, a **28 de janeiro do ano seguinte**, Bizet instalava-se na **Cidade Eterna**<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfônica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. **Regressado de Roma**, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a **3 de junho de 1875** (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em **Bougival**, onde contava passar o verão. **Pouco tempo antes**, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.



Uso de esquemas/mapas visuais, para reorganizar a informação (em função do género de texto – ordenação cronológica de acontecimentos) e fazer inferências

Trabalho simultâneo à:

- exploração do vocabulário técnico/desconhecido;
- explicitação de marcas linguísticas típicas da biografia/nota biográfica:
  - localizadores temporais e espaciais para localizar os acontecimentos no espaço e os ordenar no tempo;
  - PPS (e presente) para narrar acontecimentos biográficos
  - 3.<sup>a</sup> pessoa gramatical (biografia vs. autobiografia)



**BIZET** – Nascido em **Paris**, a **25 de outubro de 1838**, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos **quatro anos**, executava os mais difíceis exercícios e, aos **nove**, era admitido no curso de piano do **Conservatório de Paris**. **Decorridos seis meses**, obtinha um primeiro prémio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. **Em 1852**, um primeiro prémio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, **dois anos depois**, recebia um prémio de órgão. Em **junho de 1857**, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prémio, e, a **28 de janeiro do ano seguinte**, Bizet instalava-se na **Cidade Eterna**<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfónica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. **Regressado de Roma**, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a **3 de junho de 1875** (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em **Bougival**, onde contava passar o verão. **Pouco tempo antes**, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.

«Haverá ópera mais popular? Dificilmente. Haverá ópera mais levada à cena? Se houver (e há), “ganha” por poucos. E, no entanto, nem é cantada em italiano! Mas a música, as personagens e os sentimentos que Bizet aqui convocou e conjugou, assim como os cenários que imaginou, asseguraram à *Carmen* um lugar entre as óperas mais ilustres, que nunca deixarão de correr mundo.»

www.dn.pt (consultado em 24/10/2021).  
(Texto adaptado)

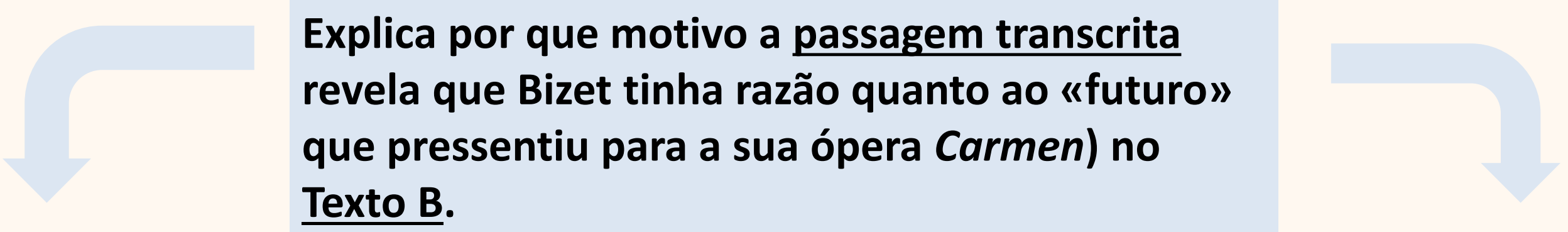
**Explica por que motivo a passagem transcrita revela que Bizet tinha razão quanto ao «futuro» que pressentiu para a sua ópera *Carmen*.**

**BIZET** – Nascido em **Paris**, a **25 de outubro de 1838**, aprendeu com o pai, professor de canto, os primeiros rudimentos da arte musical. Aos **quatro anos**, executava os mais difíceis exercícios e, aos **nove**, era admitido no curso de piano do **Conservatório de Paris**. **Decorridos seis meses**, obtinha um primeiro prêmio de solfejo<sup>1</sup>. Paralelamente aos estudos instrumentais, estudava composição. **Em 1852**, um primeiro prêmio de piano veio recompensar as suas execuções brilhantes e fogosas; e, **dois anos depois**, recebia um prêmio de órgão. Em **junho de 1857**, o Instituto de França outorgava-lhe<sup>2</sup> um importante prêmio, e, a **28 de janeiro do ano seguinte**, Bizet instalava-se na **Cidade Eterna**<sup>3</sup>, com o ardente desejo de se impregnar da cultura latina, de que toda a sua música virá a ser reflexo. Bizet lançou-se então na composição da *Ode Sinfônica Vasco da Gama*, em que manifesta a sua admiração por Bach<sup>4</sup> e por Beethoven<sup>5</sup>. **Regressado de Roma**, dedicou-se a aperfeiçoar a sua técnica de composição lírica, transcrevendo para piano algumas obras francesas, italianas e alemãs. Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima. Profundamente afetado, porém, pelas violentas e injustas críticas, veio a falecer pouco depois, a **3 de junho de 1875** (data da trigésima terceira representação da *Carmen*), em **Bougival**, onde contava passar o verão. **Pouco tempo antes**, havia destruído a maior parte dos seus manuscritos, que hesitava confiar a um editor.

«Haverá **ópera mais popular?**

Difícilmente. Haverá **ópera mais levada à cena?** Se houver (e há), “ganha” por poucos. E, no entanto, nem é cantada em italiano! Mas a música, as personagens e os sentimentos que Bizet aqui convocou e conjugou, assim como os cenários que imaginou, asseguraram à ***Carmen*** um **lugar entre as óperas mais ilustres, que nunca deixarão de correr mundo.**»

**Explica por que motivo a passagem transcrita revela que Bizet tinha razão quanto ao «futuro» que pressentiu para a sua ópera *Carmen*.**



Explica por que motivo a passagem transcrita revela que Bizet tinha razão quanto ao «futuro» que pressentiu para a sua ópera *Carmen*) no Texto B.

## TEXTO B

Apresentou ao público a sua ópera *Carmen*, a **3 de março de 1875**, e mostrou-se muito sensível às críticas e aos sarcasmos<sup>6</sup> que ameaçaram o êxito dessa obra. Todavia, a partir da quinta representação, Bizet pôde entrever<sup>7</sup> o futuro triunfo da sua obra-prima.

No Texto B, afirma-se que Bizet pressentiu o triunfo da sua obra-prima.

## PASSAGEM TRANSCRITA

«Haverá ópera mais popular? Dificilmente. Haverá ópera mais levada à cena? Se houver (e há), “ganha” por poucos. E, no entanto, nem é cantada em italiano! Mas a música, as personagens e os sentimentos que Bizet aqui convocou e conjugou, assim como os cenários que imaginou, asseguraram à *Carmen* um lugar entre as óperas mais ilustres, que nunca deixarão de correr mundo.»

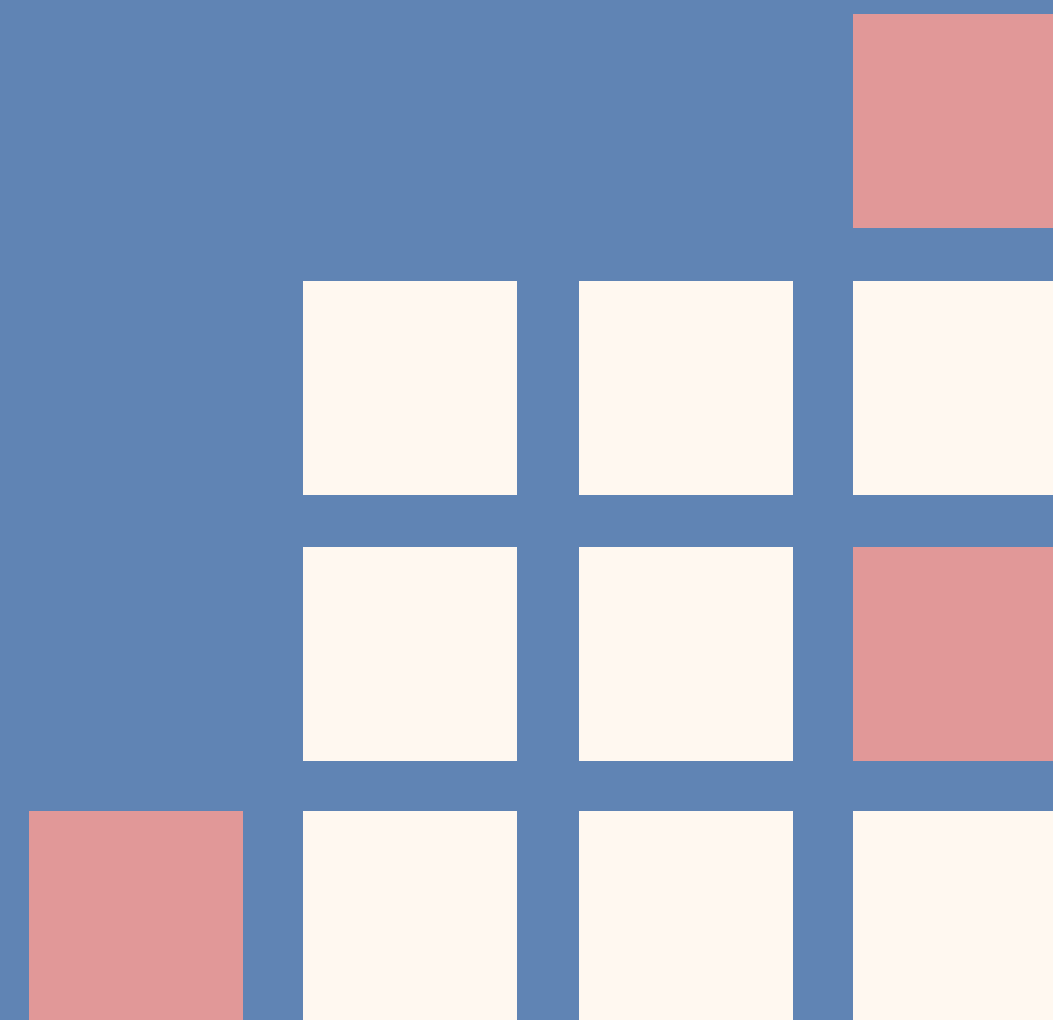
Na passagem, afirma-se que a ópera *Carmen* é uma obra muito representada / muito popular.



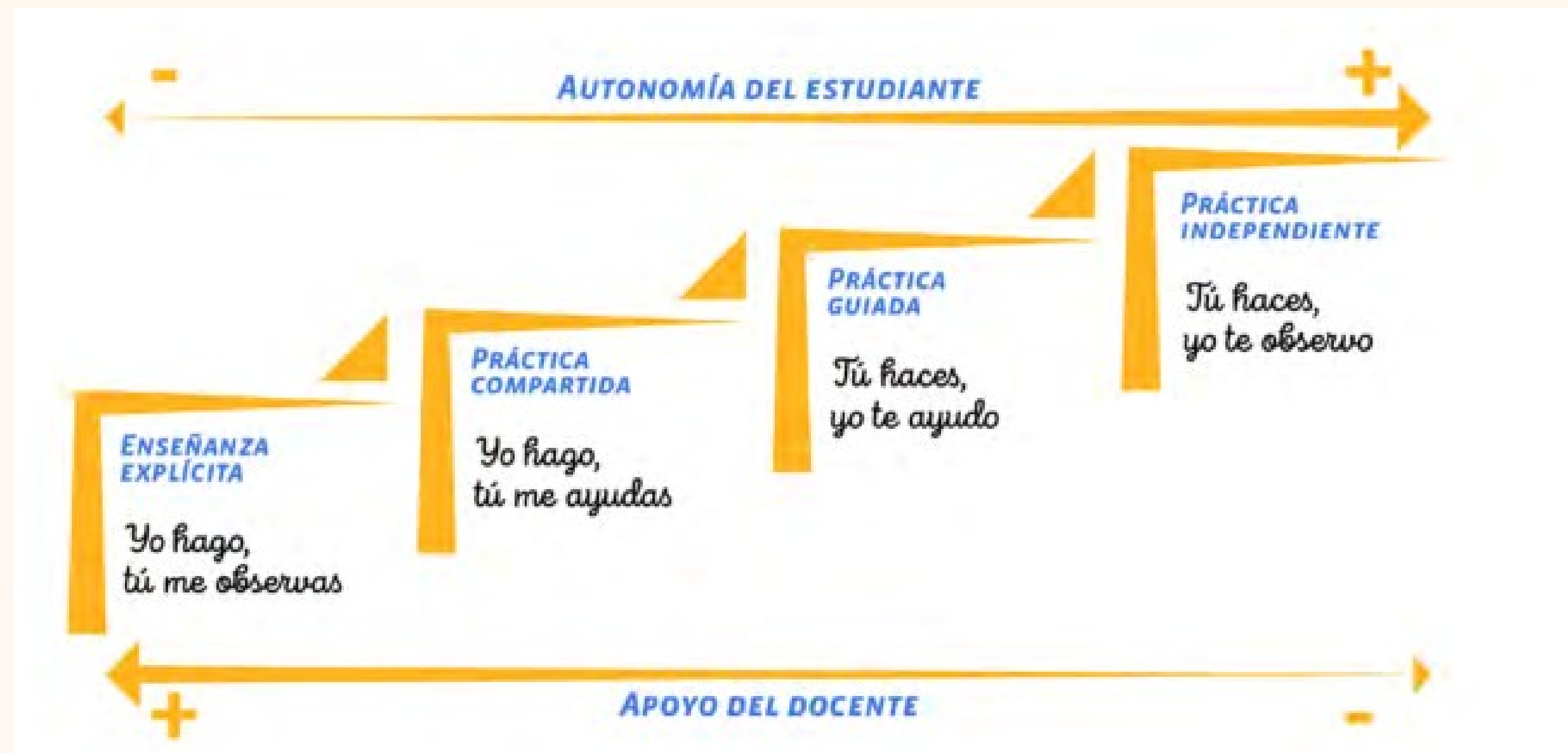
**Explica por que motivo a passagem transcrita revela que Bizet tinha razão quanto ao «futuro» que pressentiu para a sua ópera *Carmen*) no Texto B.**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                               |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Explica o motivo pelo qual a passagem transcrita revela que Bizet tinha razão quanto ao «futuro» que pressentiu para a sua ópera <i>Carmen</i>, referindo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• o facto de, no Texto B, se afirmar que Bizet pressentiu o triunfo da sua obra-prima;</li> <li>• o facto de, na passagem, se afirmar que a ópera <i>Carmen</i> é uma obra muito representada / muito popular.</li> </ul> | <p>Refere apenas que a ópera <i>Carmen</i> é uma obra muito representada / muito popular.</p> |
| <p><i>No Texto B, diz-se que Bizet achou que a sua obra <i>Carmen</i> ia ser um sucesso, e, <u>nesta passagem</u>, diz-se que essa ópera é muito popular.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p><i>Carmen tem sido sempre uma ópera popular. A ópera de Bizet tem sido um triunfo.</i></p> |

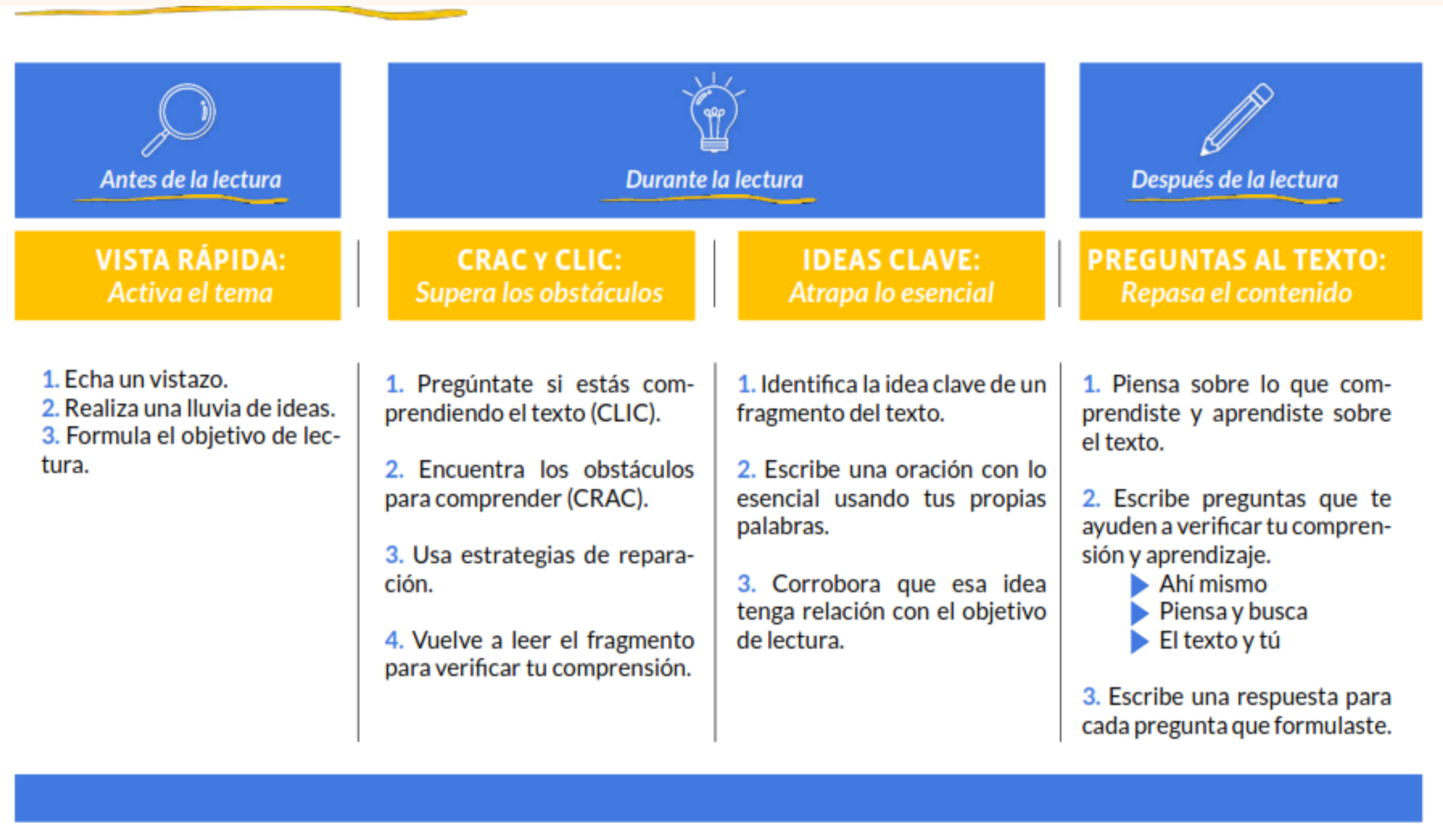
# Leitura estratégica: casos práticos

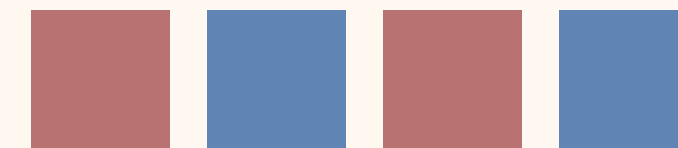


# Modelação de estratégias de leitura



Prática generativa de **explicitação do conteúdo**, para proporcionar oportunidades de compreender, de forma clara e aprofundada, a estratégia de leitura que está a ser ensinada (TeachingWorks, 2019a).





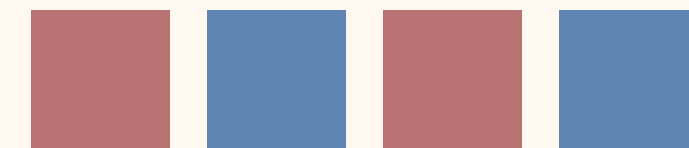
## Texto 5 – Miguel Torga, “Jesus”

Em certas situações, os alunos podem não dispor de conhecimentos prévios suficientes sobre o tema para os mobilizar e formular hipóteses sobre o assunto do texto.

Nesses casos, o docente pode apresentar

- um vídeo curto
- uma imagem
- um diagrama
- o significado de alguns conceitos-chave

Atividades que ajudem a construir **conhecimentos prévios** sobre o tema do texto a ler.





*Antes de la lectura*

**VISTA RÁPIDA:**  
*Activa el tema*

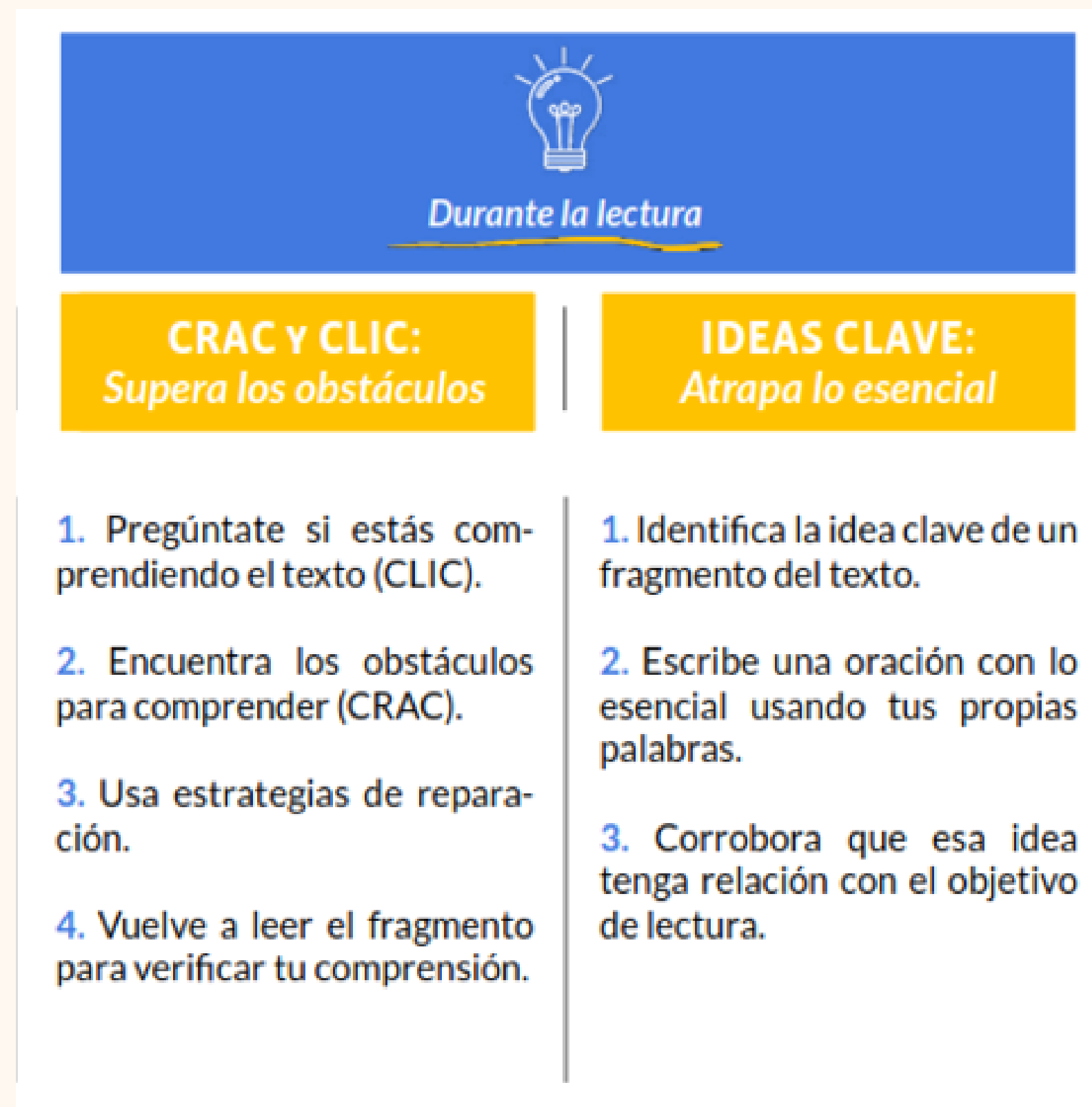
1. Echa un vistazo.
2. Realiza una lluvia de ideas.
3. Formula el objetivo de lectura.

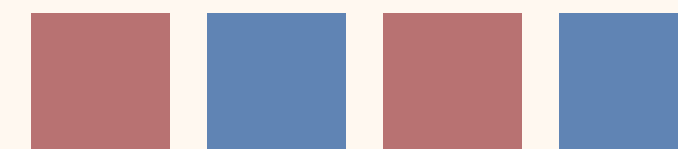


Willy Ronis, Le petit parisien. 1952

Como veem os adultos as crianças?

*Qual o meu objetivo de leitura?*





Durante la lectura

CRAC Y CLIC:  
Supera los obstáculos

## TEXTO C

Comiam todos o caldo, recolhidos e calados, quando o menino disse:

— Sei um ninho!

A Mãe levantou para ele os olhos negros, a interrogar. O Pai, esse, perdido no alheamento costumado, nem ouviu. Mas o pequeno, ou para responder à Mãe, ou para acordar o Pai, repetiu:

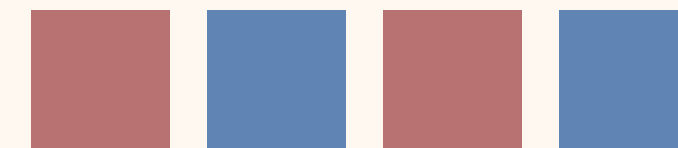
— Sei um ninho!

O velho ergueu finalmente as pálpebras pesadas, e ficou atento, também.

A criança, então, um tudo-nada excitada, contou. Contou que à tarde, na altura em que regressava a casa com a ovelha, vira sair um pintassilgo de dentro dum grande cedro. E tanto olhara, tanto afiara os olhos para a espessura da rama, que descobrira o manhuço negro, lá no alto, numa galha.

A Mãe bebia as palavras do filho, a beijá-lo todo com a luz da alma. O Pai regressou ao caldo.

Mas o menino continuou. Disse que então prendera a cordeira a uma giesta e trepara pela árvore acima.

*Durante la lectura***CRAC Y CLIC:**  
*Supera los obstáculos*

De novo o Pai levantou as pálpebras cansadas, e ficou tal e qual a Mãe, inquieto, com a respiração suspensa, a ouvir.

E o pequeno ia subindo. O cedro era enorme, muito grosso e muito alto. E o corpito, colado a ele, trepava devagar, metade de cada vez. Firmava primeiro os braços; e só então as pernas avançavam até onde podiam. Aí paravam, fincadas na casca rija.

A subida levou tempo. Foi até preciso descansar três vezes pelo caminho, nos tocos duros dos ramos. Por fim, **o resto teve de ser a pulso**, porque eram já só **vergônteas** as pernadas da ponta.

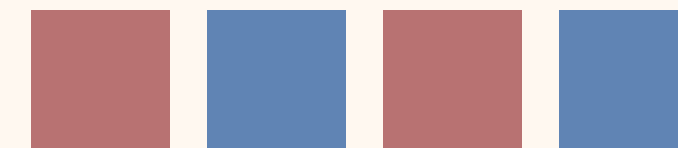
Transidos, nem o Pai nem a Mãe diziam nada. Deixavam, apavorados, mudos, que o pequeno chegasse ao cimo, à crista, e pusesse os olhos inocentes no ovo pintado. O ninho tinha só um ovo.

Aqui, o menino fez parar o coração dos pais. Inteiramente esquecido da altura a que estava, procedera como se viver ali, perto do céu, fosse viver na terra, sem precisão dos braços cautelosos agarrados a nada. E ambos viram num relance o pequeno rolar, cair do alto, da ponta do cedro, no chão duro e mortal de **Nazaré**.

**Conhecimento do mundo? Sim ou não?**



**Quais os objetivos de leitura?**

*Durante la lectura***CRAC Y CLIC:**  
*Supera los obstáculos*

Mas a criança, apesar de mostrar, sem querer, que de todo se alheara do abismo sobre que pairava, não caiu. Acontecera outra coisa. Depois de pegar no ovo, de contente, dera-lhe um beijo. E, ao simples calor da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho.

E o menino contava esta maravilha com a sua inocência costumada, como quando repetia a história de José do Egito, que ouvira ler a um vizinho.

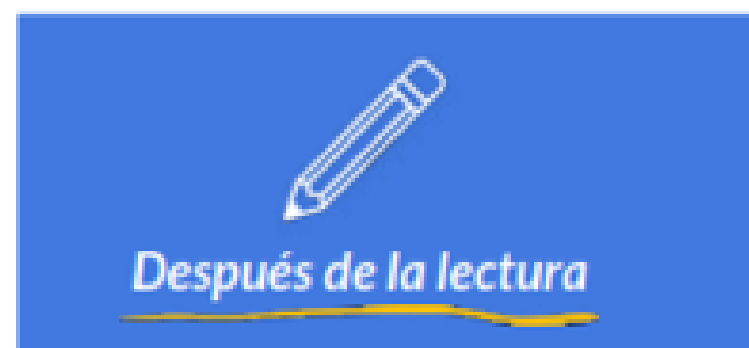
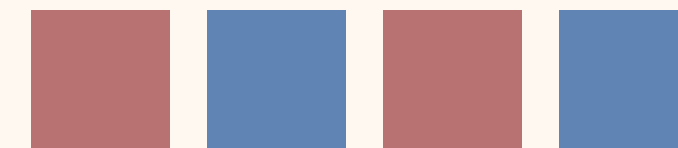
Por fim, pôs amorosamente o passarinho entre a penugem da cama, e desceu. E agora, um nada comprometido, mas cheio da sua felicidade, sabia um ninho.

A ceia acabou num silêncio carregado. Só depois, à volta do lume quente do cepo de oliveira em brasido, é que os pais disseram um ao outro algumas palavras enigmáticas, que o pequeno não entendeu. Mas para quê entender palavras assim? Queria era guardar dentro de si a imagem daquele passarinho depenado e pequenino. Isso, e ao mesmo tempo olhar cheio de deslumbramento os dedos da Mãe, que, alvos de neve, fiavam linho.

Miguel Torga, «Jesus», in Contos, 5.<sup>a</sup> ed., Alfragide, Publicações Dom Quixote, 2009, pp. 57-58. (Texto com supressões)

# Texto 5

## Modelação de estratégias de leitura



### PREGUNTAS AL TEXTO: *Repasa el contenido*

1. Piensa sobre lo que comprendiste y aprendiste sobre el texto.
2. Escribe preguntas que te ayuden a verificar tu comprensión y aprendizaje.
  - ▶ Ahí mismo
  - ▶ Piensa y busca
  - ▶ El texto y tú
3. Escribe una respuesta para cada pregunta que formulaste.



**Forma como os  
adultos  
representam a  
criança**

### Destinatária de atenção e afeto

«A Mãe levantou para ele os olhos negros, a interrogar. O Pai, esse, perdido no alheamento costumado, nem ouviu.»  
«A Mãe bebia as palavras do filho, a beijá-lo todo com a luz da alma. O Pai regressou ao caldo.»

### Ser vulnerável, que desperta a necessidade de proteção

«De novo o Pai levantou as pálpebras cansadas, e ficou tal e qual a Mãe, inquieto, com a respiração suspensa, a ouvir.»  
«Transidos, nem o Pai nem a Mãe diziam nada. Deixavam, apavorados, mudos, que o pequeno chegasse ao cimo, à crista, e pusesse os olhos inocentes no ovo pintado.»

### Alguém que não tem plena consciência do perigo

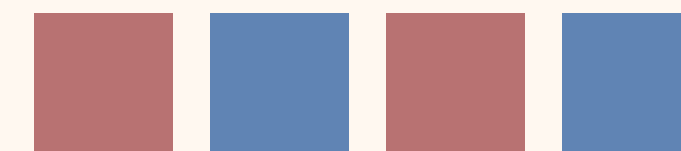
«Inteiramente esquecido da altura a que estava, procedera como se viver ali, perto do céu, fosse viver na terra, sem precisão dos braços cautelosos agarrados a nada.»  
«E ambos viram num relance o pequeno rolar, cair do alto, da ponta do cedro, no chão duro e mortal de Nazaré.»

### Infância como inocência e capacidade de maravilhamento

«E o menino contava esta maravilha com a sua inocência costumada, como quando repetia a história de José do Egito, que ouvira ler a um vizinho.»  
«Por fim, pôs amorosamente o passarinho entre a penugem da cama, e desceu. E agora, um nada comprometido, mas cheio da sua felicidade, sabia um ninho.»

# Texto 5

## Modelação de estratégias de leitura



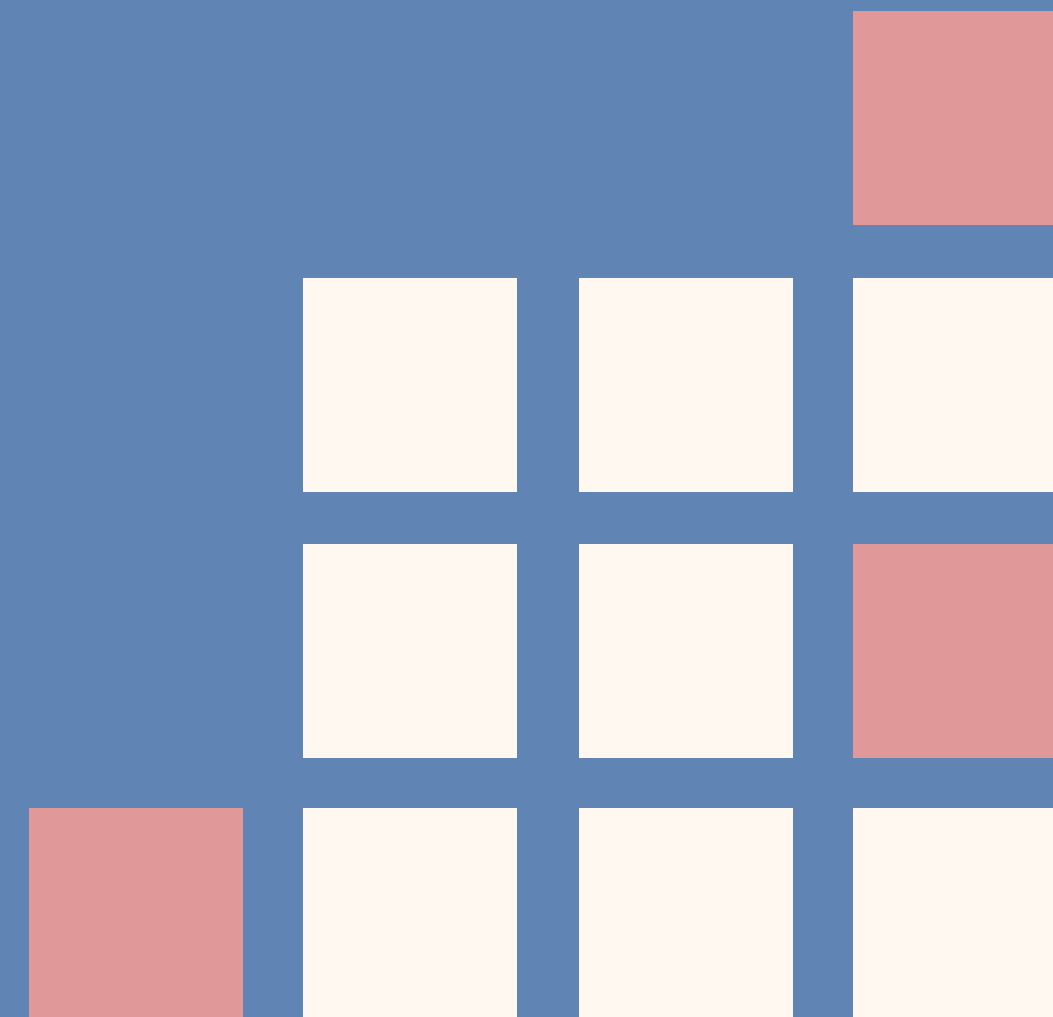
"Gaza, para a História do Horror", de André Carrilho.  
Grand Prix da 19.ª edição do World Press Cartoon Oeiras  
2026

Tanto o texto de Miguel Torga como o cartoon de André Carrilho colocam uma criança perante o olhar dos adultos.

Compare o modo como esse olhar é representado nas duas obras, explicitando **duas diferenças** e fundamentando a sua resposta em elementos de ambas.



# Sessão assíncrona





## **Começar a preparar o trabalho final**

- ➊ Escolher (e transcrever) o texto a didatizar, literário (narrativo, dramático, poético) ou não literário (pertencente a géneros jornalísticos, escolares, do quotidiano...)
- ➋ Justificar a escolha feita (em função, por exemplo, do contexto profissional, da complexidade, do tipo de estratégias a privilegiar... )
- ➌ Definir um ou mais objetivos de leitura (na perspetiva dos alunos)
- ➍ Esboçar uma atividade de pré-leitura, em função do objetivo de leitura e/ou da complexidade do texto
- ➎ Submeter o trabalho no Moodle